

AS CINCO PELES DE HUNDERTWASSER E A CONEXÃO COM O NATURAL

João Vitor Silveira Coutinho da Silva¹

ILA - FURG

Associado/a/e ANPAP: Não

Ana Carolina Sampaio Zdradek²

ILA - FURG

Associado/a/e ANPAP: Não

RESUMO

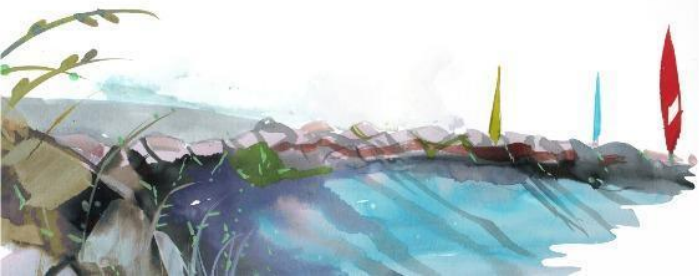
O texto se aprofunda na poética visual do pensador e artista Hundertwasser, explorando sua biografia e propondo um debate com os conceitos por ele explorados, principalmente as “cinco peles”. A pesquisa relaciona também os pensamentos e observações de Schiller (1994), Loponte (2005), Zdradek (2022), Ross (1983) e Maffesoli (2021), com o intuito de comentar a relação que o indivíduo têm com a arte e a educação estética; partindo do ponto da criação e observando como essa interação com a arte a qual pode engendrar uma visão ecosófica capaz de ultrapassar barreiras ético-estéticas.

PALAVRAS-CHAVE

Docência artista. Cinco peles. Ecosofia. Educação.

¹ Estudante de graduação em Artes Visuais na FURG, focado na pintura a óleo, Currículo Lattes - <http://lattes.cnpq.br/0207415582899033>

² Doutora em Educação e Professora do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4954589184211483>.



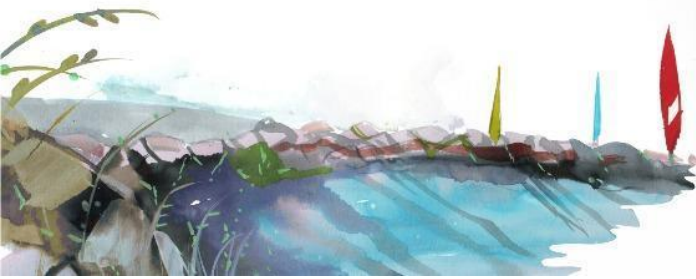
De acordo com Zdradek (2022) Friedensreich Hundertwasser¹ nasceu em 1928, em Viena, na Áustria, foi filho único de uma família judia, criado pela mãe viúva, a qual usou de todos os recursos e estratégias a seu dispor para proteger seu filho dos perigos e atrocidades provocados pela Primeira e Segunda Guerra Mundiais. Em virtude do que viviam em constante fuga.

Ainda na juventude, a inclinação artística transpareceu, assim como o potencial criativo de Hundertwasser, que ingressou na Academia de Belas Artes de Viena, mas não concluiu seus estudos por discordar da visão de arte defendida na instituição. Assim, apesar de querido e admirado por colegas e professores, saiu para conquistar o mundo, vivendo em diferentes lugares, pesquisando e encantando-se com as culturas que conhecia. Foi em Paris que suas atividades se desenvolveram mais intensamente. Foi considerado como alguém adiante de seu tempo, com uma visão para além do momento. Quando ainda a ecologia não era uma discussão fortalecida, ele já atuava como um ativista ecológico, defendendo a natureza, o bem estar-social – princípio surgido na Alemanha no final do século XIX, pelo qual todo indivíduo deveria ter garantido pelo Estado um conjunto de bens e serviços em sua vida – e também a própria Arte. O artista dedicou sua vida e obra à criação de mensagens de paz e harmonia, pelo equilíbrio entre o ser humano e a natureza, além de trabalhar para incentivar a criatividade presente em todos os seres.

No decorrer de sua vida, formulou uma nova concepção de mundo, segundo a qual homem e natureza existiam no mesmo corpo e, nesse caminho reflexivo, desenvolveu a teoria das cinco peles, a qual unia toda sua forma de pensar, agir e viver.

A primeira pele, a própria epiderme, mais perto do que somos de nossa essência, uma ligação direta entre os seres humanos e os ecossistemas, algo que protege, abriga e permite o contato com o que está do outro lado. O artista sugere práticas que permitam ao indivíduo sentir a pele, o tato, andando descalço ou nu, tomando consciência de si.

A segunda é a roupa que veste o corpo, que nos permite viver em sociedade e distingue o homem no restante da natureza. Nesse processo reflexivo e criativo, o artista passou a costurar suas próprias roupas e motivava as pessoas a acrescentarem mais criatividade em seu modo de vestir, como meio de garantir a diversidade na sociedade, possibilitando outros imaginários.



A terceira pele, a casa, em sua criação o artista defendia a harmonia da casa com a natureza.

A quarta pele, o meio social e cultural em que a pessoa está inserida, lembrando que a identidade e as ideologias são construídas na coletividade. Nesse ponto, o artista questiona também o modo como a sociedade age perante o meio ambiente, quais suas escolhas e em que se baseiam quanto ao uso de agrotóxicos, meios de transporte, uso de materiais renováveis, tratamento do lixo e outros pontos que tocam o ciclo natural.

A quinta pele seria composta pela natureza, pelo próprio planeta Terra, estando diretamente relacionada aos rumos da biosfera, o cuidado com a qualidade do ar que respiramos e a atenção com a crosta terrestre que nos sustenta e alimenta. Provocando reflexões sobre os constantes conflitos entre o ser humano e a natureza, como se não fosse parte da mesma.

Por meio de sua obra e pensamento, nas linguagens que adota, o artista propõe uma nova perspectiva de vida, de relação com o planeta, uma relação que passa pela esfera do individual, até a planetária.

Hundertwasser desenvolveu ações como ativista, ambientalista, artista e arquiteto, sendo que todas as suas atividades eram ligadas entre si, e ele percebia seus projetos arquitetônicos como a concretização de sua teoria das cinco peles, acreditando que assim elaborava um diagnóstico dos problemas do mundo pós-moderno. Ao projetar edifícios, o artista propõe uma nova visão urbana, na qual é possível que o processo de urbanização e a natureza caminhem lado a lado, formando um ambiente harmônico e belo.

Uma das maiores contribuições de Hundertwasser foi seu olhar sobre a relação entre o corpo humano, os espaços e as conexões com o mundo, em outros modos de imaginar e experimentar possibilidades. Sua teoria das cinco peles é perpassada pela ideia de universalidade e é pontuada pela contemporaneidade.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS



Imagem 1. Painel em Kawakawa, 1999, Mural, Tamanho exato desconhecido, Hundertwasser.



Imagem 2. Grama para aqueles que choram, 1975. Pintura feita de materiais mistos(aquarela, tempera de ovo, óleo) sobre papel, 65 x 92 cm, Hundertwasser

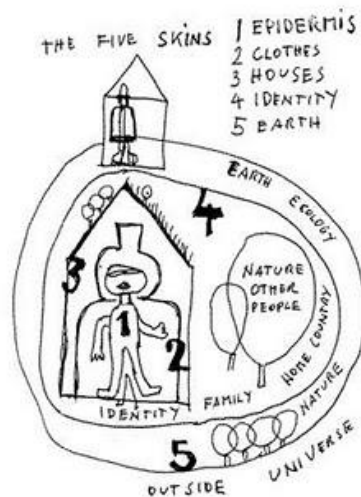
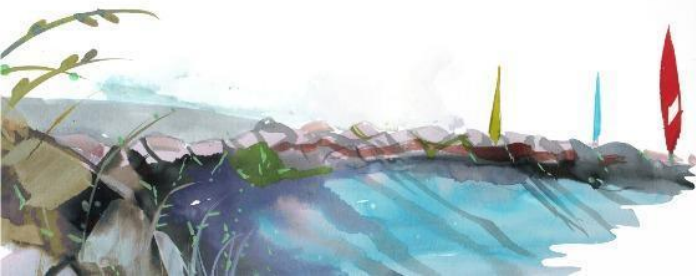


Imagem 3. Cinco peles, 1997. Tinta indiana sobre papel, 29,6 x 21 cm, Hundertwasser.

De acordo com Loponte (2005, p. 73) e apoiada em Foucault (1995), a mesma menciona que:

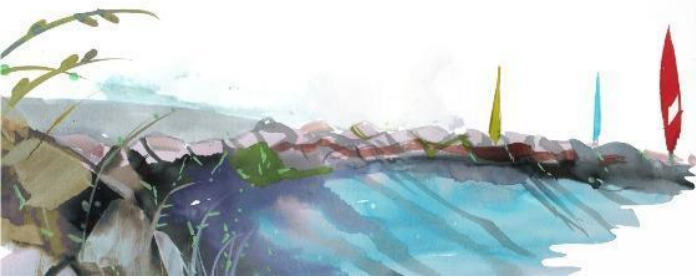
As últimas teorizações (e inquietações) foucaultianas, no entanto, trazem uma outra dimensão para pensarmos a arte como modo de existência, para pensarmos em uma “estética da existência”, uma ética artística para nós mesmos. E por que não pensarmos, a partir daí, na possibilidade de uma docência artista, não apenas uma docência em arte, mas um modo de ser docente que seja ele mesmo mais artista?

Em minha experiência como professor de arte em formação procuro desenvolver propostas ético-estéticas que transversalizem as identidades, sendo atravessamentos e proposições que dialoguem e reestabeleçam laços perdidos entre homem e natureza, entre o corpo e o meio, de modo a ultrapassar o racionalismo cartesiano (MAFFESOLI, 2021).

A obra apresentada propõe um diálogo entre as diferentes identidades que nos constituem, sendo importante para o discente de arte diferenciá-las e respeitá-las.

A sensibilidade ecosófica é uma forma de empatia, de paixão intensa e comum pelo espaço em que nos situamos – individualmente e comunitariamente. É uma “sintonia”: estarmos no “tom” do território que nos rodeia. A sintonia é o compartilhamento, a aliança instintiva com os produtos desse território e com aqueles que os utilizam em comum (MAFFESOLI, 2021, p. 99).

Tendo em consideração tudo que abordamos neste texto e a tese de Hundertwasser, está sendo a de uma visão que valoriza o todo, das árvores e animais até as casas que moramos



e roupas que vestimos, não só o ser humano como o ápice, temos que nos perguntar de onde nós, como espécie, nos encontramos e de como agiremos e quais ações socioeconômicas a se tomar para que integrantes da fauna e flora de nosso planeta não sejam extintos por culpa de nossa inatividade. O mais importante ponto que quero trazer trata-se de ressaltar a conexão e perspectiva alternativa que a arte pode evocar, a arte é fundamentalmente uma expressão do indivíduo e de seu ambiente, uma fonte de conexão entre o fruidor e criador, e essa conexão frequentemente consegue ultrapassar as barreiras da linguagem ao ponto de que, os sentimentos e ideias que estavam presos dentro do autor sejam revelados ao leitor, suas emoções agora compreensíveis e capazes de conscientizar aqueles que ainda não tem uma consciência do homem cultivado (SCHILLER, 1994), que busca suas virtudes.

A meu ver, a arte possui extrema potência em enaltecer a beleza e importância da natureza, independente da época, é um meio de impregnar os sentimentos e percepção do indivíduo sobre algo que caso contrário seria efêmero. Um artista que dialoga com Hundertwasser e cujo me inspirou profundamente é Bob Ross - Bob Ross - Robert Norman Ross (29 de outubro de 1942 - 4 de julho de 1995) foi um pintor e instrutor de arte americano que criou e apresentou The Joy of Painting, um programa de televisão instrucional que foi ao ar de 1983 a 1994 na PBS nos Estados Unidos, CBC no Canadá e canais semelhantes na América Latina, Europa e outros lugares. As obras de “The Joy Of Painting”, em boa parte, são paisagistas e isso é algo intencional, ressaltam e dão foco na natureza e na sinergia entre artificial (construções feitas pelo ser humano) e natural (flora) de forma que o leitor compreenda a presença dos dois, suas aulas não só ensinam sobre os fundamentos da pintura a óleo, mas também perpassam pelo ato de interagir e retratar a natureza como algo belo e essencial para o espírito, essa noção refletindo perfeitamente a filosofia de Hundertwasser e também do filósofo Schiller (1994), pois o caráter estético, deveria “separar a arbitrariedade do caráter físico e a liberdade do caráter moral; tratar-se ia de afastar aquele um pouco mais da matéria e de aproximar este mais dela” (SCHILLER, 1994, p. 33).

É possível perceber a partir do exposto que na apreciação na natureza pela dimensão estética das 5 peles é possível diferenciar um fazer recreativo de um fazer estético na docência artista (LOPONTE, 2005). Em experimentações docentes foi possível analisar que os discentes criaram memórias e com isso, conseguiram apreciar a natureza pelo que é.



Referências

MAFFESOLI, Michel. **Ecosofia**: uma ecologia para nosso tempo. São Paulo: Edições Sesc, 2021.

SCHILLER, F. **Sobre a Educação Estética da Humanidade numa Série de Cartas**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Docência Artista: arte, gênero e ético-estética docente. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte, n. 43, p. 35-56, Junho 2006. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982006000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 Junho 2025.

ZDRADEK, Ana Carolina Sampaio. **Sobre encontros e cartas**: a mediação de material educativo na Educação Infantil. UNIVALI Tese. Doutorado em Educação, 2022.

ROSS, Bob. **The Joy Of Painting**. 1983. Disponível em: https://www.youtube.com/@bobross_thejoyofpainting Acesso em: 13 junho 2025